

CINEMA

LITERATURA

MUSICA

TELEVISAO

PENSAMENTOS

FALE CONOSCO

PIPOQUEIROS

busca

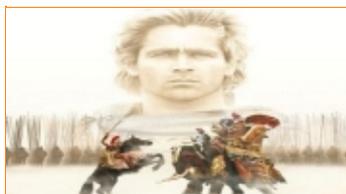
Ok



CINEMA

## Alexandre, o longo, o grandioso, mas não O Grande

Por: Fábio Freire



Envolto por uma expectativa negativa, já que o filme foi massacrado pela crítica americana e derrapou nas bilheteiras gringas, fui assistir ao novo trabalho de Oliver Stone, a cinebiografia *Alexandre*. Para minha surpresa, o longa não é tão ruim quanto foi alardeado, passando longe do rótulo de "filme-bomba" atribuído a produções como *Tróia* e *Rei Arthur*, que seguem a mesma linha épica, por exemplo. Apesar de uma tonelada de defeitos tão grandiosos quanto o filme, *Alexandre*, ainda assim, merece ser visto. A polêmica em torno de um grande mito, o elenco estelar, a produção suntuosa e, principalmente, a visão sempre interessante (e manipuladora) de Oliver Stone sobre uma importante personagem histórica chamam a atenção e valem o preço do ingresso.



Os maiores erros do filme, aliás, recaem sobre as costas do diretor, sempre afeito a controvérsias. Oliver Stone peca desde a concepção do roteiro, que mais parece uma colcha de retalhos, passando pela edição e direção vacilantes. Em apenas duas cenas pode-se apreciar a firmeza característica do diretor, que já dissecou a guerra do Vietnã em três produções (os ótimos *Platoon* e *Nascido em 4 de Julho* e o equivocado *Entre o Céu e a Terra*, talvez, seu pior filme), conjeturou a respeito de dois presidentes americanos (na sua grande obra *JFK* e na cinebiografia *Nixon*), estetizou a violência no road movie *Assassinos por Natureza* e no interessante *Reviravolta* e revigorou um gênero perdido na banalização, os filmes esportivos (*Um Domingo Qualquer*).

Nas duas cenas em questão – não por coincidência as únicas batalhas da produção –, Stone não poupa o espectador com um apuro estético e uma violência nada gráfica que compensam os tempos mortos do restante da película. A edição picotada e vigorosa, o sangue que jorra na tela e a trilha sonora do Vangelis (que reinaram no início dos anos 80 em produções como *Blade Runner*, *Em Algum Lugar do Passado* e *Carruagens de Fogo*) esbanjam emoção em um filme até então frio. A partir dessas cenas, vislumbra-se a grande obra que *Alexandre* poderia ter sido. Mas que, infelizmente, não é.



Em relação às imprecisões históricas, há muito pouco a dizer. Primeiro, porque a própria personagem de *Alexandre* é cercada de questionamentos sobre suas conquistas e até sua real existência. Pouco se sabe e muito se supõe sobre esse mito que mudou o mapa mundial e uniu o Ocidente e o Oriente.

### ATUALIZAÇÕES

25/01 Sem tirar os olhos [Closer - Perto Demais]

23/01 Utopia [Quase Dois Irmãos]

21/01 Ao Prog Metal, com amor. [Pain of Salvation]

20/01 Thompson continua insano [A Grande Caçada aos Tubarões (Hunter S. Thompson)]

20/01 Começo de ano = listas de melhores [TOP 5 2004]

### DO MESMO AUTOR

Salada mista pop e pós-moderna [Kill Bill - Vol 1]

Mundo cão [Dogville]

O caos de uma balzaquiana [Alanis Morissette - So-Called Chaos]

Tom Cruise para adultos [Colateral]

Violência nua e crua [Narc]

### LEIA TAMBÉM

16/01/2005 Alexandre, Grande filme [Alexandre]

19/10/2003 "Um por todos e todos por um!" [Alexandre Dumas - Os três mosqueteiros]



Também sempre é complicado apontar erros históricos em filmes, principalmente porque estes não são livros de histórias, mas romantizações de determinados capítulos que a compõe. Surge, assim, uma das falhas da produção. Vendida como uma cinebiografia de *Alexandre*, o filme peca por ser pouco elucidativo. Quem não conhece nada sobre Alexandre – O Grande, vai continuar sem conhecer. Culpa de um roteiro que ao invés de focar apenas um aspecto da vida do “herói”, tenta abarcar o máximo de informações na longa duração do filme.

O resultado são saltos na narrativa e a sensação de que nada realmente é abordado com mais profundidade. O aspecto político é apresentado de forma confusa e frouxa, e as conspirações são esquemáticas e pouco desenvolvidas. A vida amorosa de Alexandre fica em segundo plano. A bela Rosario Dwanson funciona mais como um ornamento do que como uma personagem presente na vida de Alexandre. O romance entre este e Hephaistion (Jared Leto) é mostrado de forma covarde, algo inconcebível para um diretor do porte de Oliver Stone.



Diante da fraqueza do roteiro e da direção cambaleante de Stone, pouco resta ao elenco. Colin Farrel é um bom ator, mas falta-lhe carisma e maturidade para encarar um papel de tal porte. Anthony Hopkins empresta certa credibilidade à produção, mas sua função é uma das mais ingratas. Suas aparições emperram o ritmo do filme e a narração em off é apenas um recurso simplista para tapar os buracos do roteiro. Val Kilmer, Rosario

Dwanson e Jared Leto têm pouco a acrescentar. Quem acaba se destacando é Angelina Jolie, que apesar do sotaque pouco convincente, se sai muito bem como Olímpia, a dissimulada mãe de Alexandre.

Mas mesmo sendo uma obra menor de Oliver Stone, o filme tem seus méritos, sim. E porque fracassou, já que é bem superior a *Tróia*, por exemplo? Talvez pela má vontade que a crítica americana tem com o diretor. O subtexto político da produção pode ter incomodado o público médio, muito mais afeito a diversões escapistas do que a filmes com ponto-de-vista. Quem sabe a própria conjuntura política atual nos impeça de assistir e admirar um trabalho sobre alguém que não via os povos do Oriente como bárbaros e, apesar de conquistá-los, respeitava suas crenças e cultura. E em uma época que a política Bush, em nome da salvação do Ocidente contra o terrorismo, prega a subjugação desses mesmos povos, não fica difícil entender a razão do filme ter sido praticamente escorraçado das telas americanas.



**25/01/2005**

[Voltar](#)